

LADRILHOS PELOTENSES E O CONCEITO ANTROPOFÁGICO NO ENSINO DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

GUILHERME OTAVIO MARTINELLI FRAGOSO¹; FÁTIMA JORGE DUARTE²;
Prof^a. FERNANDA ANDARA PEREIRA DUTRA³;

Prof^o. Dr^o. DANIEL BRUNO MOMOLI⁴:

¹Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – gmartinellifragoso@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – jduartefatima@gmail.com

³Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr^o. Francisco Simões(5CRE) – ferandara@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência - PIBID - Artes Visuais Licenciatura, vinculado à CAPES e a UFPel. Nossa proposta foi desenvolvida com estudantes do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Francisco Simões, entre os meses de março e abril de 2025. A escola funciona em uma antiga residência, que possui as características dos casarões pelotenses e recebe alunos de diferentes bairros, principalmente da região do Porto de Pelotas e de territórios de ocupação, tais como a ocupação Uruguai, CEVAL, Rua do Pântano e o final da Rua General Osório. A renda familiar das e dos estudantes é baixa e por isso a escola possui uma importante centralidade na afirmação dos direitos humanos das crianças e adolescentes que a frequentam.

O PIBID é um programa que nos permite entender o cotidiano docente e as ações são realizadas sob a supervisão da professora de Artes da escola que também é nossa supervisora, Fernanda Andara Dutra. Ao longo do ano de 2025, estamos investigando o processo educativo em arte no ensino fundamental. Este nosso estudo iniciou no começo do ano letivo, por isso construímos um projeto que dialoga com a etapa final do ensino fundamental, onde os estudantes se preparam mental e emocionalmente para o ingresso no ensino médio. Nosso objetivo com o projeto é explorar múltiplos espaços, dentro e fora da escola, construindo em conjunto com os alunos o entendimento que as aprendizagens extrapolam os limites das paredes da sala de aula, validando os conhecimentos que trazemos de nossas casas, ruas e bairros. Partimos das relações que estabelecemos com os lugares que habitamos, logo pensamos que o Centro Histórico da cidade de Pelotas, poderia nos oferecer essas possibilidades, porque nele encontramos elementos estéticos relacionados ao período da ocupação do território do Brasil por europeus, entre os séculos XVI e XIX.

Entendendo a arquitetura como parte da identidade da cidade, decidimos pela visita ao Museu do Doce, pois o museu não fica distante da escola, sendo possível a realização de visita por meio de caminhada. Assim, o trajeto nos permitiria a exploração do deslocamento para realização de registros em forma de cartografias. Aqui ao apresentarmos a descrição de nossa proposta de trabalho, apontamos para as potencialidades dessa experiência que pode ser utilizada em

outros processos educativos (SUZUKI, 2019). Ao final, compartilhamos as reflexões que esta prática nos permitiu enquanto docentes em formação.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta intitulada “Nossos Ladrilhos Pelotenses” foi realizada a partir dos conteúdos: identidade brasileira e a Antropofagia. Essa escolha foi feita em referência aos conteúdos da arte modernista, vistos nas aulas ministradas pela Professora Dr^a. Neiva Bohns no componente curricular História da Arte no Brasil II do curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel. A partir do contraste entre a paisagem do centro histórico da cidade, dos arredores da escola, exploramos a Antropofagia, um movimento modernista brasileiro que se resume em devorar a cultura de outra parte do mundo e “adaptá-la” para a nossa (ANDRADE, AMARAL, 1928). A experiência vivida pela turma foi transformada em uma cartografia individual que mostrava o trajeto da escola até o Museu do Doce, com produções visuais e narrativas sobre o trajeto.

A ida ao museu com as turmas foi interessante. No dia, pedimos que os alunos deixassem as mochilas na sala e que levassem apenas lápis e borracha para realizar a cartografia. Para iniciar a atividade, distribuímos pranchetas e folhas sulfite. Saímos da escola por volta das 8h45 e fomos pela Rua XV de Novembro até chegar à Praça Coronel Pedro Osório. Enquanto percorríamos o trajeto, falamos sobre nossas vidas, sobre nossos gostos, onde vivemos, nossos contextos. Isso serviu para que eles reparassem nas diferenças não só entre eles e onde estavam, mas também entre eles e seus próprios colegas.

Figura 1 - Cartografia de um aluno da turma 92.



Ao chegarmos no Museu, fomos recebidos por uma mediadora que nos ajudou a explorar o espaço, contou um pouco da história sobre o prédio, as histórias dos objetos, sobre a família que já morou ali e também, a importância das pessoas negras para a construção da nossa cidade, além de falar sobre os doces. Ter a contribuição das mulheres negras valorizada fez com que a

autoestima dos alunos, vindos de comunidades esquecidas, fosse elevada. Estes aspectos permitiram que a turma percebesse a força e a importância dos nossos antepassados. A atividade no museu ocupou mais tempo que o previsto, impossibilitando que fosse feita a proposta no espaço. Tivemos que reorganizar nosso cronograma semanal, pois tínhamos que chegar à escola a tempo para o intervalo deles.

Na semana seguinte, quando nos reencontramos com a turma, conversamos e revisitamos as cartografias feitas por eles. Nesse exercício de reconexão, buscávamos encontrar a manifestação do movimento Antropofágico. Após esse momento, relembramos com a turma sobre o ladrilho e a importação, conectando com o passeio que havia sido realizado. A proposta do trabalho era a criação de novos ladrilhos a partir de elementos estéticos das realidades de cada estudante. Para fazer o objeto, utilizamos recortes de EVA, cola e tesoura, então cada estudante criou um ladrilho único e que exposto em conjunto dá a sensação de um conjunto arquitetônico.

Figura 2 - Alunos da turma 92 e 91 juntando os ladrilhos das turmas em um painel.



A produção dos ladrilhos foi divertida e dinâmica, a maioria dos alunos se empolgaram para produzir algo com um pensamento por trás, alguns ficaram enrolando para fazer algo, mas isso é comum em uma sala de aula com adolescentes, afinal eles querem se mostrar irreverentes e “deus me livre” de parecer que se divertem aprendendo. Ao decorrer da aula, a turma foi sendo convencida a participar, se animando e querendo fazer cada vez mais (incluindo os alunos que antes não queriam fazer nada antes), alguns estudantes até chegaram a produzir mais do que um ladrilho. Essa atividade desenvolveu um pensamento mais crítico em relação a aquilo que consumimos e sobre como consumimos, graças à comparação com os ladrilhos no Museu do Doce. De um lado temos os do museu que são importados da Europa e mostram a tentativa de

participar de uma cultura que não é nossa, já do outro lado temos os dos alunos que mostram tudo que eles vêem e vivem nesses ladrilhos que usam essa cultura externa apenas como inspiração e não como modelo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente pensamos que toda a nossa proposta pudesse ser realizada durante a visita ao museu, utilizando a manhã toda para ter começo, meio e fim de um diálogo sobre identidade. Porém, ao decorrer da visita entendemos que a reflexão dos alunos tomaria um tempo maior que tínhamos naquele dia, logo, separamos a atividade para dois momentos diferentes ao longo das semanas, assim permitindo que os alunos compreendessem com clareza o assunto proposto por terem tempo entre uma aula e outra para observar a mudança que fazemos ao viver nos lugares.

Depois da ida ao Museu do Doce e da atividade com o EVA, tivemos um resultado muito satisfatório, todos os alunos participaram da proposta. Percebemos que a turma compreendeu o conteúdo que estava sendo trabalhado. Durante a visita ao museu os alunos ficaram mais quietos, estavam tímidos. Depois entendemos que a timidez tinha motivo, aquele era o primeiro contato da turma com um museu e logo foi sendo superada à medida em que conversávamos sobre nossas impressões do lugar.

Essa atividade nos ajudou a pensar em como planejar futuras atividades para o PIBID, por exemplo: atividades fora da escola necessitam de mais tempo e para isso é preciso fazer combinações com os demais professores da escola, pois o tempo de sair, chegar ao local da visita, fazer a proposta e retornar, demanda muito tempo. A atividade também nos permitiu refletir sobre tudo que os alunos sabem sobre o mundo que vivem, de início achamos que eles não iriam muito a fundo nesse tema devido o comportamento quieto que eles têm em sala e que esse tema talvez fosse muito “sério” para eles, mas ao decorrer da atividade eles se mostraram muito mais atentos a sua realidade do que nós achávamos, isso nos mostrou que nunca devemos subestimá-los(JOVÉ, 2023) e que eles estão prontos para discutir assuntos que precisam de uma certa maturidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. **A Utopia antropofágica**. 2.ed. São Paulo: Globo, 1995. 243p.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JOVÉ, Glòria. **Encontros e Devires Transoceânicos com Arte Contemporânea e Formação Docente**. CDD 370, p. 58, 2023.

SUZUKI, Clarissa L.. Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro: de-colonialidade no ensino das artes visuais. In: DONATI, L.; SOGABE, M.; ALMOZARA, P.; RIBEIRO, R. (Orgs). **ANAIS do 27º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)** - Práticas e confrontações:, São Paulo: UNESP, Instituto de Artes, p. 3131-3143, 2019. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2018/>.